

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Larissa Santana Alves

**FINITUDE E SENTIDO: A BUSCA POR SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL EM SØREN KIERKEGAARD
E VIKTOR FRANKL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Jonas Roos.

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Larissa Santana Alves**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202272069A**, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso "**FINITUDE E SENTIDO: A BUSCA POR SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL EM SØREN KIERKEGAARD E VIKTOR FRANKL**" desenvolvido durante o período de **NOVEMBRO de 2024 a MARÇO de 2025** sob a orientação do **Prof. Dr. JONAS ROSS**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 18 de março de 2025.

Larissa Santana Alves

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (x) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

“A queda mais profunda da raça humana está de fato reservada para os tempos mais recentes. Há uma descoberta que o ser humano fez, e ele está mais feliz com sua descoberta: o modo de deixar a vida mais fácil é torná-la insignificante”
(Søren Kierkegaard)

FINITUDE E SENTIDO: A BUSCA POR SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL EM SØREN KIERKEGAARD E VIKTOR FRANKL

Larissa Santana Alves¹

RESUMO

A busca por um significado ou propósito da existência é uma questão enfrentada por todos os seres humanos em algum momento de suas vidas; é um questionamento que excede classes sociais e permeia toda a história da humanidade. O presente texto tem como objetivo traçar uma visão panorâmica da noção paradoxal da existência humana conforme apresentada pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855); em complemento a essa análise, serão observadas as semelhanças e intersecções com o pensamento do psiquiatra Viktor Frankl (1905-1997), particularmente no contexto de sua teoria psicológica nomeada “Logoterapia”. Ao perscrutar essas perspectivas filosóficas e psicológicas, este escrito deseja fomentar uma reflexão profunda sobre a busca por um sentido existencial e sua intrínseca relação com a religião. Kierkegaard propõe que o tornar-se si-mesmo é um processo indissociável da vida de fé, o que implica em favor de uma resposta subjetiva e transcendente à questão do sentido da vida. De maneira complementar, Frankl, através da logoterapia, destaca que a busca por sentido é a força motivadora principal da existência humana. Ele alega que, mesmo diante do sofrimento extremo, como experienciado por ele, encontrar um propósito pode proporcionar um significado transformador. Ambas as teorias se intersectam ao destacar a importância de superar o desespero e encontrar um sentido profundo da vida, seja por meio da fé, como proposto por Kierkegaard, ou pela descoberta de um propósito, como defendido por Frankl.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Morte. Desespero. Fé. Sentido. Logoterapia.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre a morte, falamos também sobre os estereótipos que a contornam, talvez mais neste momento que em qualquer outro. Será mesmo que durante toda nossa existência somente a morte é presságio de dor e tristeza? Fomos educados a temê-la e quando ela bate à nossa porta, já é tarde demais para não deixá-la entrar. Parece que esquecemos a trajetória da vida quando falamos da morte ou ainda esquecemos a pergunta que muitos fazem antes do último suspiro, “É possível viver uma vida que tenha sentido?” ou ainda “Vivi uma vida que tenha tido significado?”. Ao nos questionarmos sobre um significado existencial entramos numa concepção filosófica que foi amplamente discutida pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) e pelo psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905–1997).

Kierkegaard em seus escritos trabalhará a condição da existência humana, o movimento de tornar-se si – mesmo e como este processo é indissociável de uma vida com sentido. Não muito distante de seu pensamento, Viktor Frankl, anos mais tarde, ao experienciar os horrores do campo de concentração nazista, na segunda guerra mundial, nos dirá que para superar os percalços da vida é necessário que tenhamos um princípio motivador pelo qual vale a pena viver e morrer. Ambos os autores, em suas teorias, concordam que para que se viva uma vida que tenha sentido, é necessário que haja um princípio que mantenha o ser humano alinhado com um propósito, para Kierkegaard a fé, para Frankl algo que seja subjetivo, um motivo transcendente.

1. O PAPEL DA ANGÚSTIA NA FILOSOFIA KIERKEGAARDIANA

Muitas das ideias da filosofia central de Kierkegaard giram em torno do indivíduo e de como conhecer a si próprio para vir a ser si-mesmo, essa reflexão traz uma máxima, a da subjetividade. Pensar no indivíduo é fazer uma reflexão de como tornar-se si-mesmo, é pensar em uma dialética subjetiva entre dualidades que o

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel. Orientador: Prof. Dr. Jonas Roos.

constituem, é partir de uma discussão entre religião e filosofia, que embora díspares são complementares. O filósofo parecia estar ciente de que o questionamento “Quem sou eu?” só poderia ser respondido adequadamente em primeira pessoa, pois somente o indivíduo poderia achar a resposta por si-próprio.

Considerando um dos aspectos centrais desta tese, podemos inferir que a necessidade do indivíduo de tornar-se ele mesmo pressupõe a possibilidade de não o ser; ou seja, existe um estado em que o próprio eu não está adequadamente articulado em sua síntese e perde a si mesmo: o que se denomina desespero. Dentro deste contexto de possibilidades de articulação e desarticulação da síntese, que pode ser vista sob diferentes aspectos, no momento antecedente à escolha de um polo em preferência a outro, nasce o sentimento de angústia, um sentimento ambíguo.

Kierkegaard, portanto, percebe a angústia como uma vertigem da liberdade, uma sensação que surge quando o indivíduo se depara com a multiplicidade de possibilidades e a responsabilidade de ter que optar entre elas. Essa sensação pode ser entorpecedora, mas é crucial para a realização pessoal, pois nos obriga a enfrentar nossas escolhas e, de modo consequente, a autenticidade da nossa existência, direcionando quase sempre para um sentido genuíno.

2. A DOENÇA PARA A MORTE

“Esta doença não é para a morte” (Jo 11,4). E, no entanto, Lázaro morreu; dado que os discípulos não compreenderam o que Cristo acrescentou mais tarde, “Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono” (11,11), ele lhes falou diretamente “Lázaro está morto” (11,14). Então Lázaro está morto e, no entanto, esta doença não era para a morte; ele estava morto e, no entanto, esta doença não é para a morte. Bem sabemos nós agora que Cristo pensava no milagre que permitiria aos contemporâneos, “se cressem, ver a glória de Deus” (11,40), o milagre com o qual ele despertou Lázaro dos mortos; então “esta doença” não apenas não era para a morte, mas, como Cristo predisse, “para a glória de Deus, para que o Filho de Deus fosse glorificado por ela” (11,4): oh, mas mesmo se Cristo não tivesse ressuscitado Lázaro, não continua igualmente verdadeiro que esta doença, a própria morte, não é para a morte? Quando Cristo se aproxima do sepulcro e clama em alta voz, “Lázaro, vem para fora” (11,43), não está suficientemente claro que “esta” doença não é para a morte? (...) Portanto, compreendida do ponto de vista cristão, nem mesmo a morte é “a doença para a morte”, e muito menos tudo aquilo que se chama sofrimento terreno e temporal: penúria, doença, miséria, tribulação, adversidade, tormentos, sofrimento interior, pesar, aflição. E mesmo se tais coisas fossem tão pesadas e dolorosas que nós, seres humanos, ou aquele que sofre disséssemos “isso é pior do que a morte” – todas essas coisas que, embora não sejam doença, podem ser comparadas com uma doença, não são, contudo, na compreensão cristã, a doença para a morte. (KIERKEGAARD, 2022, p.37-38)

Assim, Kierkegaard inicia a temática da morte em seu livro “A doença para a morte”, assunto este que não pode ser ignorado em sua filosofia. Se a doença para a morte não é o adoecimento do corpo físico, nem mesmo sofrimento interior, seria a doença para a morte, então, uma doença do espírito? Mas o que é o espírito? O espírito é o si-mesmo, e o si-mesmo é a relação que se relaciona consigo mesma; o filósofo trabalhará como discorrido anteriormente, que o movimento de tornar-se si-mesmo é uma relação da síntese que necessariamente precisa estar em equilíbrio e que frente à multiplicidade de possibilidades de vir-a-ser, a escolha de um polo em detrimento a outro ocasiona o **desespero**, e consequentemente traz consigo a perda do si-mesmo e de sentido existencial. Acrescenta Roos:

Sem a correta efetivação da síntese de finitude e infinitude o ser humano se torna presa da fragmentação e parcialidade de si mesmo, e, portanto, não consegue construir um sentido que forneça totalidade à existência, um sentido que dê coesão aos pequenos sentidos da existência. (ROOS, 2019, p. 17)

O desespero, portanto, é uma condição qualitativa e existencial marcada pela desarticulação entre finitude e infinitude, elementos fundamentais da constituição do ser humano. Essa “má relação”, como observa Roos (2019, p. 15), ocorre quando o sujeito “aferrar-se à finitude, em detrimento da infinitude, ou, inversamente, aferrar-se à infinitude em detrimento da finitude” e, portanto, é a verdadeira doença para a morte. O desespero vem a assumir diversas formas, como descreve o filósofo, podendo ser compreendido em duas principais categorias: o desespero de querer ser si-mesmo e o desespero de não querer ser si-mesmo.

O desespero de querer ser si-mesmo constitui-se pela característica principal de obstinação; quando o sujeito insiste firmemente em um juízo fixo de si mesmo, negando-se a mudar ou aceitar suas limitações. Já o desespero de não querer ser si-mesmo constitui-se pela característica de rejeição; quando o sujeito desejando ser outra pessoa que não a si próprio assume querer viver outra vida, o que o leva a uma desordem interna ininterrupta. Independentemente da forma que o desespero se instala, ambas refletem uma desconexão profunda entre o Self e a realidade espiritual que Kierkegaard acredita ser fundamental para uma vida legítima e apresentará que somente na relação que nutrimos com Deus o Eu verdadeiro será efetivado da forma correta.

Como resultado, para que essa efetivação do Eu e de uma vida autêntica aconteça, outro conceito fundamental na obra do autor se instala: a **consciência**. A consciência será de profunda importância, pois, é essencial que a partir dela reconheçamos o desespero; sem ela, o ser humano permanece em um estado de ignorância, sem ponderar sobre a existência, vivendo de maneira supérflua e sem se dar conta de sua condição espiritual. A consciência, em resumo, traz consigo a capacidade de auto-reflexão, questionamento e tomada de decisões autênticas, fazendo com que o indivíduo se abra para a dimensão espiritual e desse modo possa superar a condição de desesperado.

Não somente a consciência se faz necessária para a superação do desespero. Como sabemos, a filosofia kierkegaardiana é uma filosofia cristã e como amplamente citado acima, a superação da verdadeira doença para a morte dá-se por meio do simbólico, uma vez que, ela é uma doença do espírito e não do corpo, portanto, Kierkegaard nos propõe a construção do sentido existencial e reestruturação do Eu a partir da **Fé** e do **Amor**.

Dessa maneira, o conceito de **Fé** é colocado na posição oposta ao conceito de desespero. O desespero que é entendido como desarticulação da síntese de infinitude e finitude se opõe a fé que é entendida como rearticulação dessa síntese, do eu e de seu sentido. A Fé, portanto, assume um papel de duplo movimento, ligado ao processo de tornar-se si-mesmo, que consiste em desprender-se de sua finitude, afastar-se de si mesmo para buscar na infinitude algo além do imediato e do finito, retornando em seguida para o finito, mas de forma a compreender e reconhecer a valorização da existência concreta e da temporalidade, com um novo entendimento que é informado pela dimensão infinita. Como afirma Roos:

Para a minha argumentação aqui é crucial perceber que o duplo movimento de infinitização e finitização, que é precisamente o movimento da fé, é explicitamente entendido por Kierkegaard como o movimento central da constituição do si-mesmo e, portanto, da superação do desespero. (ROOS, 2019. p. 22)

A rearticulação da síntese que a Fé estabelece só será possível se o indivíduo, de alguma maneira, acreditar que é possível que seja rearticulada. Este movimento Kierkegaard nomeia de **"Paradoxo do Eterno"**, e é ele que atribui novamente sentido à existência, pois deve ser entendido como a encarnação do **Amor**, e o amor é o que conecta o temporal e a eternidade, é aquilo que dá dignidade à vida. O amor, em sua essência, transcende a mera afeição emocional e se revela como um compromisso ativo para com a vida e para com o outro. É o elo que vincula o finito e o infinito, permitindo que o indivíduo experimente uma vida autêntica e plena de significado.

Nesse contexto, o amor age como um catalisador para a transformação pessoal e espiritual. Ao amar verdadeiramente, o indivíduo se desprende de suas preocupações egoístas e se abre para o outro e para Deus, encontrando uma conexão que dá sentido à sua existência.

O amor é a chave para a realização da síntese do si-mesmo e, assim, chave para a construção de sentido existencial, mas isso não significa tornar a vida mais fácil. Pelo contrário para Kierkegaard a melhor maneira de deixar a vida fácil é torná-la insignificante. O que o amor propõe é o contrário disso. (ROOS, 2022. p. 104)

Em conclusão, a reflexão de Kierkegaard a verdadeira doença para a morte revela a profundidade de sua filosofia existencial. A "doença para a morte" não é uma aflição do corpo ou do sofrimento psicológico, mas uma doença do espírito, que resulta da desarticulação entre a finitude e a infinitude do ser. Sem a correta síntese entre esses polos, o indivíduo mergulha no desespero, seja por obstinação em ser si-mesmo ou pela rejeição de sua própria identidade. A consciência, nesse contexto, é fundamental para o reconhecimento e a superação do desespero, pois permite a auto-reflexão e a abertura para a dimensão espiritual. No entanto,

Kierkegaard argumenta que a verdadeira cura para o desespero está na fé e no amor, que rearticulam a síntese do si-mesmo, conectando o temporal e o eterno. Assim, a filosofia kierkegaardiana nos convida a enfrentar nossa condição espiritual com seriedade e a buscar uma vida plena de significado, superando o desespero e alcançando a verdadeira realização do Eu como indivíduo.

3. VIKTOR FRANKL E A LOGOTERAPIA

Viktor Frankl nasceu na Áustria, em 1905, formou-se em medicina e dedicou a maior parte da vida ao estudo da psicologia e ao desenvolvimento da “logoterapia”, teoria esta que logo mais seria considerada a terceira escola vienense de psicoterapia. A palavra “logoterapia” deriva de “logos”, que em uma de suas interpretações gregas significa “sentido”, desse modo, esquadrinha o cerne da teoria que Frankl desenvolveu, uma terapia do sentido da vida. Na visão teórica da logoterapia existe a distinção de dois mundos, o mundo do possível e o mundo real, de onde sucede outra terminologia, o destino.

O reino do real se caracteriza pelo reino da realidade existente, ou seja, é compreendido como o lugar onde se materializam as escolhas feitas pelo ser humano em meio às inúmeras possibilidades que surgiram em sua vida, uma decisão tomada não pode ser apagada e tornando-se, portanto, o reino da realidade concreta e do ser-efetivo, parte do passado; já o reino do possível se caracteriza como o reino das possibilidades “existentes”, sendo assim, pode ser compreendido como uma etapa anterior à existência concreta, onde se encontram diversas potencialidades ainda não realizadas, compondo um cenário de “poder-ser” que antecede o “ser-efetivo”. Nesse lineamento, emerge então, o conceito de **liberdade da vontade humana**, ou seja, o Homem é visto como capacitor ativo de suas ações e totalmente responsável por suas escolhas, encarando assim o destino, como inflexível. O passado não pode ser mudado, enquanto o futuro pode ser escolhido, nesse sentido não operamos sobre o futuro, mas, escolhemos o nosso passado.

O de que nós precisamos é respeito ao passado, não ao futuro; o passado é inevitável, o futuro, o nosso futuro está à frente da nossa decisão e da nossa responsabilidade. Nesta ótica, fica sem dúvida demonstrado que constitui um erro dizer que somos, perante o futuro, responsáveis pelo passado. Pelo contrário, somos precisamente responsáveis, perante o passado inevitável, pelo futuro decisivo. (FRANKL, 1978. p. 151)

O Ser encontra-se entre ser e pode-ser, o tempo é irreversível, o passado permanece imutável, definitivo, “sendo” e o futuro “não sendo” permanece mutável. O homem assume uma postura ativa e otimista, pois é convidado “a fazer o melhor uso possível de cada momento, dando o melhor de si no que vier a fazer, em quem vier a amar ou em como tiver que sofrer” (PEREIRA, IVO. 2009, p.18); nem mesmo a certeza da morte limita o Homem, pois, o entendimento da finitude é visto como algo único do ser responsável por si, é por ela que dentro da nossa liberdade escolhemos agir no futuro para preservar o passado, sendo assim, não somos somente ser-para-morte, mas também ser-para-sentido, entretanto, para que o Ser tenha uma **existência autêntica** é necessário que esteja consciente da morte e a partir desse conhecimento agir do modo que é **livre**.

Explicitada a extensão passado-futuro-destino ainda falta entender como o Homem age no que se denomina presente, há, portanto, uma linearidade tênue do vir-a-ser, uma vez que, é necessário que abarque o que foi e o que será. Frankl busca com esse conceito engendrar o entendimento que a vida sempre impõe situações únicas e concretas, enxerga-a como um quebra cabeça onde sempre existirá uma realidade objetiva, que independentemente da condição atribuída, da figura difícil de ser enxergada, a vida é possível de ser vivida com sentido. A vida demanda sentido.

Passa a existir então, o caráter de necessidade do sentido, que embora não surja do nada e para o nada, “trata-se da descoberta de uma possibilidade diante do pano de fundo da realidade. Na verdade, trata-se da possibilidade de se transformar a realidade.” (FRANKL, 1981, P.45). O sentido, dessa maneira, passa a ser compreendido como algo que os seres humanos precisam para entender a própria existência, não pode ser substituído, é **único e individual**, em resposta a situações únicas e concretas da vida. Outro conceito fundamental para a teoria psicoterapêutica desenvolvida por Frankl e que conversa diretamente com o conceito já trabalhado de liberdade é o de **vontade de sentido**. A logoterapia mantém suas bases firmes sobre duas concepções: uma antropologia explícita e o entendimento do Homem como um ente em busca de sentido; sendo

a segunda concepção consequência da primeira tem-se como fonte ordenadora de motivação do ser humano “a vontade de sentido”.

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria *vontade* de sentido. (FRANKL, 2022a. p. 124)

O psiquiatra esclarece que o Ser é mais que somente um mecanismo psicofísico, é também uma **pessoa espiritual** e, por esse motivo, busca por um propósito orientador da sua existência. A palavra espiritual inscrita aqui não tem como valor apenas algo transcendente-religioso, mas, sim entendida como uma **ideia de liberdade** que se deparará e confrontará com condicionamentos sociológicos, biológicos ou psíquicos, posto que:

Frankl (1995), por sua vez, defende um núcleo espiritual em que se originam os fenômenos genuinamente humanos e que os faz distinto dos animais. A espiritualidade, para Viktor Frankl, não pode ser confundida nem muito menos reduzida à espiritualidade no seu aspecto religioso. (AQUINO, 2020. p. 68)

O condicionamento sociológico, ou seja, a relação do Ser com o meio em que está inserido não necessariamente o consome, pois, a tomada de posição espiritual frente aos instintos se justapõe, de modo que a liberdade de escolha que o Ser possui o dá a possibilidade de negação desse quadro, diferentemente dos animais que são totalmente condicionados ao meio e aos instintos. Novamente a liberdade é fundamental na constituição do Homem enquanto Homem e a partir dela se desenvolve a autoconsciência e o poder de decisão diante das situações da vida.

Faz-se necessário afirmar que a logoterapia não nega os instintos e nenhum outro condicionamento, mas reafirma que a escolha da liberdade é sempre presente e quando assim não se faz óbvia é porque o ser humano a abdicou. No que diz respeito ao condicionamento biológico e psíquico, Frankl mantém sua posição, uma vez que, mesmo dependentes de uma predisposição genética, as escolhas tomadas durante o percurso da vida não são determinadas por ela, mas sim pela **liberdade de escolha** humana. Há sempre o poder de decisão. Resume-se:

Ao demonstrarmos que o homem de modo algum é determinado inequivocamente pelos fatores vitais e sociais, pelo contrário, é livre deles e responsável por sua autodeterminação – ao fazermos isso, recuperamos a **existência humana** para o seu nível autêntico, por cima dos condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociológicos. Doravante, cumpre, pela introdução da noção de transcendência na ciência do homem, restabelecer uma imagem do homem mais fiel à sua natureza (FRANKL, 1978. p. 270 apud PEREIRA, 2009)

O existir, por fim, incide no espírito, significa obrigatoriamente sair de si mesmo, erguer-se por sobre a própria condição enquanto Homem e ser de liberdade. A pessoa espiritual está embebida de liberdade, de poder de decisão e consequentemente de responsabilidade, a dimensão espiritual nos indivíduos é aquilo que os caracteriza como seres humanos e principalmente, os auxilia na busca **intrínseca** por uma significação existencial.

Adentrando mais a fundo no caráter subjetivo da vontade de sentido deparamo-nos com uma questão crucial: “Qual a diferença entre querer ser feliz e ser digno de felicidade?”. A categoria última - fim último, para Frankl, denomina-se como “sentido”, único e individual em sua existência e destino, e diferentemente do que propõem Freud e Adler, psiquiatras responsáveis pelas primeira e segunda escolas vienenses de psicoterapia respectivamente, o equilíbrio interno emana da autotranscendência, ponto fundamental para a significação existencial. Portanto, a satisfação do prazer não traria significação, pois, como já foi amplamente difundido o sentido exige um caráter objetivo que está no mundo (situações impostas pela vida) e não no sujeito que o vivencia.

É nessa totalidade que retomo a pergunta crucial feita anteriormente, sendo a vontade de sentido orientada para a realização da significação existencial e não podendo ser nada que não somente transcendental, ela acaba por fornecer uma razão para ser feliz e, com uma razão para ser feliz, instantaneamente, a felicidade torna-se um efeito colateral. Portanto, segue-se que a felicidade não pode ser procurada como fim em si mesmo, pois, quanto mais o sujeito a persegue, ou satisfaz seus prazeres imediatos, mais distante do seu propósito ele estará, mais embebido de **vazio existencial** ficará. A felicidade segue uma máxima em que só será sentida na medida em que existirem razões para que ela seja sentida.

Assim como a felicidade, a auto-realização aparece como efeito, isto é, o efeito da realização de um sentido. Apenas na medida em que o homem **preenche um sentido** lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo. Se ele decide por realizar a si mesmo, ao invés de preencher um sentido, a auto-realização perde, imediatamente, sua razão de ser (FRANKL, 1988, p.38 apud PEREIRA, 2009)

A vontade de sentido é, portanto, a base mais sólida para que o ser humano vá ao encontro da realização de sentido da própria existência, não se pode querer tê-la, nem ao menos exigir que exista. O ponto crucial frisado por Viktor Frankl em toda a sua teoria é o elemento da liberdade e da escolha humana, pois a liberdade define a existência do ser responsável por si que está ontologicamente orientado para um propósito e finalidade. Em resumo, o ser é o único responsável por suas ações e pelo propósito que elege, pois, como disse Nietzsche "Quem tem um *por que* viver pode suportar quase qualquer como", inclusive o sofrimento.

4. QUAL O PAPEL DA MORTE NA BUSCA POR SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL?

Para Kierkegaard, a morte é parte integrante na busca pelo significado existencial, servindo como um lembrete da finitude humana e da necessidade de uma vida autêntica. A "doença para a morte," como Kierkegaard a descreveu, e discutida acima, não é uma discussão da morte do corpo físico, mas sim uma condição existencial de desespero decorrente da incapacidade do indivíduo de equilibrar sua finitude com sua infinitude (KIERKEGAARD, 2022). Nesse sentido, a morte não é meramente um fim biológico, mas uma realidade que exige uma resposta pessoal e subjetiva de cada indivíduo.

Jonas Roos destaca que o desespero em Kierkegaard surge precisamente da incapacidade de estabelecer uma síntese equilibrada entre os polos da nossa existência, configurando uma perda de sentido e de identidade (ROOS, 2019). A consciência da morte, então, não deve levar ao desespero, mas sim ao reconhecimento da necessidade de uma vida completa de sentido, onde a fé desempenha um papel central. Humberto Quaglio ressalta que a seriedade do sujeito diante da morte e do sofrimento é essencial para enfrentar a realidade da finitude; ele argumenta que, enquanto a sociedade busca constantemente se distrair da finitude com prazeres e trivialidades, Kierkegaard insiste que apenas ao contemplar a própria mortalidade com seriedade o sujeito pode compreender a vida em sua plenitude (QUAGLIO, 2021). A fé, portanto, insurge como a única possibilidade de rearticulação da síntese que constituía existência humana, um ato que aceita o paradoxo do eterno — a união entre o eterno e o temporal em Cristo — e permite ao indivíduo tornar-se si-mesmo, superando o desespero e, portanto, superando a verdadeira doença para a morte.

Para Viktor Frankl, a morte não é vista como uma negação da vida, mas sim um aspecto que confere seu enorme e irreparável valor. A finitude da vida humana não se opõe, de fato, ao seu valor, mas intensifica a necessidade por encontrar propósito e significado em cada momento vivido. Frankl diz: "Sendo assim, a transitoriedade da nossa existência de forma alguma lhe tira o sentido. No entanto, ela constitui nossa responsabilidade, por que tudo depende de nos conscientizarmos das possibilidades essencialmente transitórias." (FRANKL, 2022a, p. 144). Então, o fato de a vida ser finita não pode ser uma causa de desolação e desesperanças, mas como uma oportunidade para preenchê-la com escolhas conscientes e responsáveis.

Na visão de Frankl, a consciência da morte exerce um papel duplo. Por um lado, ela nos confronta com nossa fragilidade e nos lembra da impermanência da condição humana. Por outro, ela age como um incentivo para agir de maneira consciente, levando-nos a aproveitar cada instante como uma chance única de criar valor e responder aos desafios que a vida nos apresenta. O psiquiatra argumenta que:

O fato e somente o fato de que somos mortais, de que nossa vida é finita, de que nosso tempo é limitado e de que nossas possibilidades

são restritas, é esse fato que faz parecer com sentido fazer alguma coisa, aproveitar uma oportunidade e concretizá-la, realizá-la, aproveitar e preencher o tempo (FRANKL, 2022b, p. 39).

Além disso, Frankl vincula o sofrimento, muitas vezes provocado pela proximidade da morte, à capacidade do homem de se elevar acima das circunstâncias. Para ele, mesmo diante das situações extremas em que se viu nos campos de concentração nazistas, é possível transformar a dor em um ato de significado. Ele diz: "o destino, aquilo que acontece a nós, pode, em todo caso, ser moldado – de uma maneira ou de outra. [...] Ou mudamos o destino – se for possível – ou o acolhemos de boa vontade – se for necessário" (FRANKL, 2022b, p. 35). Dessa forma, a atitude do indivíduo em relação à sua própria finitude é decisiva para o significado de sua existência. Frankl sugere que, ao enfrentar a realidade da morte, a pessoa é levada a se elevar acima de suas limitações e busca um propósito que transcenda sua existência imediata.

CONCLUSÃO

A morte, antes vista como um prenúncio de dor e tristeza se reinventa, portanto, ao final desta breve análise, como um dos caminhos para uma vida autêntica nas filosofias de Kierkegaard e Frankl. Ambos os teóricos aferem que a consciência da finitude humana é necessária para alcançar um estado de realização e autenticidade existencial, ainda que suas abordagens sobre como concretizar essa busca sejam divergentes.

Kierkegaard nos mostra que a percepção da verdadeira doença para a morte nos conecta diretamente com a nossa maior vulnerabilidade, nos obrigando a repensar nossas escolhas, atitudes e prioridades. É como se a morte nos desse um empurrão, nos despertasse para a primordialidade de uma vida dedicada a valores e crenças que transcendem o efêmero.

Quando a morte é o perigo maior tem-se esperança na vida; mas quando se toma conhecimento de um perigo ainda mais terrível, então se deposita a esperança na morte. [134] Quando, pois, o perigo é tão grande que a morte se tornou a esperança, então o desespero é a desesperança de nem mesmo poder morrer. (KIERKEGAARD, 2022, p. 49).

Frankl, por sua vez, nos apresenta uma visão otimista. Ele argumenta que a morte não é uma limitação, mas um estímulo para preenchermos nossa vida com significado. Mesmo diante da dor e do sofrimento, podemos cumprir para com nossa liberdade e encontrar um propósito que nos motive. Como ele mesmo afirmou: "a morte faz parte, significativamente, da vida – bem como o sofrimento humano. Ambos não tornam a existência do ser humano desprovida de sentido, mas, antes de tudo, plena de sentido" (FRANKL, 2022b, p. 40).

Enquanto Kierkegaard nos direciona a buscar a fé como forma de superar o desespero, Frankl indica que um propósito, mesmo que não-religioso, pode nos direcionar. O fundamental é que ambos concordam que a aceitação da nossa mortalidade é o primeiro passo para uma vida legítima.

Assim sendo, ao reconhecermos sua inevitabilidade, somos motivados a viver com mais intensidade, a amar de forma mais profunda e a encarar o sofrimento com dignidade, de cabeça erguida. Søren Kierkegaard e Viktor Frankl nos ensinam que a vida autêntica começa a existir a partir da aceitação da finitude, de maneira que se converte em mais uma oportunidade de descobrirmos o que realmente importa e de nos tornarmos protagonistas de uma vida com propósito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Thiago Avellar de. *Espiritualidade e Transcendência na Perspectiva de Viktor Frankl*. Aufklärung Revista de Filosofia, João Pessoa, v.7, n.esp., p. 65-72, Nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56740>

FRANKL, Viktor Emil. *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Frankl, Viktor Emil. **A Questão do Sentido em Psicoterapia**. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papirus Editora, 1981.

FRANKL, Viktor Emil. **The Will to Meaning**. Nova Iorque: Meridian Book. 1988 (Trechos traduzidos por Ivo Studart Pereira)

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 56. São Leopoldo / Petrópolis: Editora Sinodal/Editora Vozes, 2022a.

FRANKL, Viktor Emil. **Sobre o sentido da vida**. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes Nobilis, 2022b.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A doença para a morte**. Tradução e introdução de Jonas Roos. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa**. Psico-USF, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010.

NERY, Alberto. **O que é a LOGOTERAPIA? Conheça a teoria de Viktor Frankl**. YouTube, 18 fev.2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W7QHgPGAEaw>>. Acesso em 05 novembro de 2024.

No Mês de Alerta sobre o Suicídio, uma Biografia Marcante: a Vida do Dr. Viktor Emil Frankl. Dr. Leandro Minozzo. Disponível em: <<https://www.leandrominozzo.com.br/um-resumo-biografico-do-dr-viktor-emil-frankl/>>. Acesso: 01/12/2023.

PEREIRA, Ivo. **A ética do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

ROOS, Jonas. **10 Lições sobre Kierkegaard**. 2ª ed. revista. Petrópolis: Vozes, 2022.

ROOS, Jonas. **Finitude, Infinitude e Sentido: um estudo sobre o conceito de religião a partir de Kierkegaard**. Revista Brasileira de Filosofia e Religião, Brasília, v.6, n.2, p. 10-29. Jul 2019

SOUZA, Humberto Araújo Quaglio de. **A preceptora da seriedade: o sujeito diante da morte em Pascal e Kierkegaard**. Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 171-183, jul./dez. 2021.